



## **O jornalismo utilitário através da linha editorial do CE-TV (1ª Edição): serviço e/ou assistencialismo?<sup>1</sup>**

Caio César Mota MAGALHÃES<sup>2</sup>  
José Riverson Araújo Cysne RIOS<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Ceará

### **RESUMO**

No cenário televisivo, é possível observar um crescimento significativo da utilização do gênero Jornalismo Utilitário como linha editorial para jornais regionais. O jornalismo de serviço funciona através de pautas que orientam a população no cotidiano e na tomada de decisões, seja numa reportagem sobre uma campanha de vacinação ou através de uma reclamação de buracos na rua. O presente artigo identifica como o jornalismo utilitário é construído através da linha editorial do telejornal CE-TV (1ª edição), exibido pela TV Verdes Mares, emissora cearense filiada à Rede Globo, para, posteriormente, analisar como esse jornalismo do CE-TV se articula entre a linha tênue que separa o serviço do assistencialismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo Utilitário; Serviço; Assistencialismo; CE-TV

### **Introdução**

No dia 02 de março de 2009, estreou na TV Verdes Mares, às 12hs, o jornal CE-TV (1ª Edição), que entrou na grade de programação da emissora com a proposta de chegar mais próximo à comunidade, abordando temas políticos, econômicos e sociais de uma forma mais acessível. O CE-TV entrou no horário do antigo carro-chefe da emissora, o Jornal do Meio Dia, e faz parte de uma política de padronização da Rede Globo, que modificou o nome da maioria dos jornais de suas emissoras afiliadas para o mesmo padrão: “Sigla do Estado” sucedida pelo termo “TV”.

Com isso, o antigo jornal ganhou um novo nome, um novo cenário e um novo apresentador: o jornalista Luiz Esteves, que passou a fazer companhia à Danielly Portela. No entanto, além dessas modificações evidentes, o CE-TV e a nova política da Rede Globo alteraram substancialmente a linha editorial do jornalismo da TV Verdes Mares. No informativo antigo, Jornal do Meio Dia, o telespectador assistia a pautas mais

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC), email: [caiocesarmagalhaes@gmail.com](mailto:caiocesarmagalhaes@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Tutor do PET do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará (UFC), email: [riverson@ufc.br](mailto:riverson@ufc.br)



distantes de seus problemas cotidianos. Já, no caso do CE-TV, quem o assiste hoje percebe uma clara aproximação do jornal aos problemas da população cearense.

A principal evidência dessa proximidade com o cotidiano dos telespectadores pode ser vista na criação do quadro “Meu Bairro na TV”, que se propõe a visitar os bairros de Fortaleza e expor os problemas dos moradores na tentativa de resolvê-los, além de informar sobre a cultura e convivência da comunidade. A aproximação do telejornal também é vista na linguagem e na apresentação do programa, que ganhou um tom mais “conversado”.

Todas essas características, assimiladas pelo CE-TV e pelo jornalismo da TV Verdes Mares e incitadas pela Rede Globo, denotam um caráter editorial voltado para o gênero jornalístico denominado jornalismo utilitário ou “jornalismo de serviço”. O objetivo deste artigo é entender no que consiste esse tipo de jornalismo e em como ele é moldado através da linha editorial do telejornal CE-TV (1ª Edição), para, posteriormente, analisar como esse jornalismo do CE-TV se articula entre o que separa o serviço do assistencialismo. Para isso, é necessário antes compreender a prática jornalística como um todo e, posteriormente, a terminologia que envolve o termo “jornalismo utilitário”.

## **1. Metodologia**

A pesquisa se articula entre os conceitos que envolvem jornalismo como serviço e assistencialismo. Foi observado o período de uma quinzena do jornal CE-TV (1ª Edição), do dia 7 de junho de 2010 a 19 de junho de 2010, totalizando doze edições. Como foram analisadas duas semanas completas e não semanas construídas ou formadas por amostragem, a amostra não é representativa. Também foram analisadas as edições dos dias 22 de maio de 2010 e 10 de julho de 2010, por terem sido estas as mais recentes edições que apresentaram o quadro “Ação Verdes Mares”, um dos pontos a serem analisados neste trabalho. A edição final do Jornal do Meio-Dia também passou por análise, visto que faz um panorama do que viria a se tornar o novo jornal da TV Verdes Mares, o CE-TV (1ª Edição).

## **2. Jornalismo em prática**

Ainda não há uma definição totalmente completa e universal do que vem a ser a prática de jornalismo, como ressaltava José Marques de Melo, em *A Opinião no Jornalismo Brasileiro* (1085). Sabe-se que ser jornalista é, principalmente, informar, mas, com essa



premissa, o conceito ganha uma série de especificidades: seria apenas informar ou também formar? Como informar sem “deformar” a informação? Como ser objetivo? Jornalismo também é um serviço?

Marques de Melo (1985) explana um pouco sobre a natureza do jornalismo, definindo-o como um processo contínuo, ágil, veloz, determinado pela atualidade e que varia de acordo com a estrutura sócio-cultural em que se localiza. Segundo o autor,

“o jornalismo é concebido como um processo social que se articula a partir da relação (periódica/oportuna) entre organizações formais (editoras/emissoras) e coletividades (públicos receptores), através de canais de difusão (jornal/revista/rádio/televisão/cinema) que asseguram a transmissão de informações (atuais) em função de interesses e expectativas (universos culturais ou ideológicos)”. (MELO, 1985, p. 10)

A partir da definição, pode-se concluir que o jornalismo é formado, basicamente, pela transmissão de informações atuais através de veículos de comunicação – rádio, revista e jornais – para as coletividades – o público – sempre em função dos interesses e das ideologias dos canais de difusão. Em suma, o jornalismo se converge numa definição que o destaca como um “processo”, não apenas como uma atividade.

Segundo o autor, a atualidade do jornalismo depende da velocidade com que os canais de difusão de informações atuam e também da capacidade da instituição jornalística de relatar os fatos com periodicidade, e esses termos, de acordo com Melo (1985), não são efetivados sem que estejam em sintonia com os desejos e as reações da coletividade, uma condição definida como universalidade dentro do jornalismo.

Essa universalidade está presente também na definição de outros teóricos. Danton Jobim (1960, apud Marques de Melo, 2003a), por exemplo, entende o jornalismo como uma “necessidade social” com caráter de informação. Para ele, o jornalismo baseia-se nos princípios apontados por Jacques Kayser (apud Marques de Melo, 2003a), que são a universalidade e a instantaneidade.

Já na perspectiva de Luiz Beltrão (2006), o “jornalismo é informação de fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade, com objetivo de difundir conhecimento e orientar a opinião pública no sentido de promover o bem comum”. Ao observar essa definição de Beltrão e também as de Jobim e Marques de Melo, é possível perceber que a prática jornalística tem diversas nuances que não podem ser alocadas apenas em um único conceito. Os conceitos de jornalismo apontados pelos



autores aqui destacados só se tornam completos, ou quase completos, quando estão juntos, em complemento.

Numa perspectiva geral, o jornalismo pode ser entendido como um processo comunicativo que agrega informação, periodicidade, conhecimento, orientação e universalidade. Entre esses pontos, vale destacar um que servirá de mote para este trabalho: a orientação. A palavra resume o principal sentido do jornalismo utilitário, um gênero que vem sendo assimilado pela linha editorial de diversos telejornais regionais, como o CE-TV (1ª Edição). Ele é baseado principalmente em orientar a população, ou seja, o público e a coletividade.

Essa premissa de utilidade foi contemplada na definição de Luiz Beltrão, quando este aponta que o objetivo do jornalismo é “difundir conhecimento e orientar a opinião pública no sentido de promover o bem comum”, ou seja, ser útil à comunidade.

### **3. O gênero “utilitário”**

Na escrita, os gêneros podem ser comparados a modelos, “relações linguísticas concretas, textos materializados que são encontrados diariamente e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica” (MARCUSHI, 2002).

Sendo assim, um gênero pode ser uma carta comercial, um romance, um bilhete, aula expositiva, horóscopo, receita, bula de remédio, cardápio, instruções de uso, outdoor, piada, edital, e-mail, conferência, enfim, uma série de designações concretas que estabelecem uma estruturação específica de comunicação.

No jornalismo, os gêneros funcionam como classificações do tipo de atividade a que o jornalista se dedica: se é informar, opinar, divertir, interpretar, orientar etc. Segundo Fonseca (2005), os gêneros jornalísticos “são as modalidades de relato dos acontecimentos que compõem a realidade social de onde os jornalistas recortam aqueles que, pelos seus valores-notícia, adquirem existência-pública”. Eles dependem do estilo e da relação do jornalista com seu público.

Ao longo da história, teóricos como Joseph Folliet, Fraser Bond, Emil Dovifat, Domenico de Gregorio, Gonçalo Martin Vivaldi, Juan Gargurevich, Jacques Kayser<sup>4</sup>, entre outros, definiram e intitularam uma série de gêneros para o jornalismo, mas, para esta pesquisa, o recorte feito se resume apenas ao universo do jornalismo brasileiro.

---

<sup>4</sup> Os teóricos listados e suas respectivas divisões de gêneros constam no livro *A Opinião no Jornalismo Brasileiro* (1985), de José Marques de Melo.

No Brasil, os estudos sobre os gêneros jornalísticos se iniciaram com Luiz Beltrão na década de 60. O estudo de Beltrão está dividido em três livros, cada um com a sua especificidade: a *Imprensa Informativa* (1969), *Jornalismo Interpretativo* (1976) e *Jornalismo Opinitivo* (1980). Inicialmente, este compreendeu que o jornalismo é constituído de apenas três categorias:

- informativa (notícia, reportagem, história de interesse humano e informação pela imagem),
- interpretativa (reportagem em profundidade)
- e opinativa (editorial, artigo, crônica, opinião ilustrada e opinião do leitor).

Entretanto, existem discordâncias quanto a essa divisão. Em *A Opinião no Jornalismo Brasileiro*, Marques de Melo (1985) reduz as três categorias propostas por Beltrão para apenas duas: jornalismo informativo, constituído por nota, notícia, reportagem e entrevista, e jornalismo opinativo, ou seja, tudo o que perpassasse o universo do editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta.

Essa foi a primeira divisão de gêneros feita por Marques de Melo. Na época, a exclusão do jornalismo interpretativo aconteceu porque, segundo o autor, essa categoria não encontrava “ancoragem na práxis jornalística observada no país” (MELO, 1985). Com isso, Melo entendeu que, aqui no Brasil, o jornalismo interpretativo já estava encaixado dentro do jornalismo informativo.

Ainda nessa divisão, pode-se perceber também que, além da ausência do jornalismo interpretativo, Melo também não contemplou o jornalismo utilitário, e, conseqüentemente, este ainda não existia como gênero. Apenas em 2007, numa revisão apresentada no curso de Pós-Graduação da Universidade Metodista de São Paulo, Marques de Melo (2007) ampliou sua classificação, e acrescentou os gêneros interpretativo (dossiê, perfil, enquete e cronologia), diversional (história de interesse humano e história colorida) e utilitário (indicador, cotação, roteiro e serviço). Este último gênero é o que congrega as principais características do “jornalismo de serviço” e do caráter jornalístico assimilado pelo CE-TV (1ª Edição).

#### **4. Jornalismo Utilitário: serviço ou assistencialismo?**

Segundo Marques de Melo (2007), o gênero utilitário, também chamado de “jornalismo de serviço” ou operacional, surge nas sociedades da informação, que têm seu funcionamento baseado na tomada de decisões rápidas no mundo financeiro e na vida



cotidiana. O autor afirma ainda que sua legitimação se dá com mais vigor em sociedades ditas consumistas, principalmente a partir do final do século XX. Também segundo Melo, este gênero tem a atualidade como uma das características principais.

A palavra serviço vem do latim *servitiu* (escravidão) e possui uma série de significados, dentre eles, o ato ou efeito de servir; a obtenção e prestação de informação; trabalho informal ou formal etc. Mas o termo “jornalismo de serviço” possui uma definição mais específica: a informação que orienta e garante ao receptor a possibilidade efetiva de ação e/ou reação.

É aquela informação, recebida oportunamente, que pretende ser de interesse pessoal do leitor – ouvinte – espectador; que não se limita a informar sobre senão para [grifo do autor]; que se impõe a exigência de ser útil na vida pessoal do receptor, psicológica ou materialmente, mediata e imediatamente, qualquer que seja o grau e o alcance dessa utilidade. A informação cuja meta deixa de ser oferecer dados circunscritos ao acontecimento, para oferecer respostas e orientação. (KLÖCKNER e BRAGANÇA, 2001)

Assim, na sociedade atual, com o consumismo, a globalização e uma amplitude de informações e produtos, os cidadãos necessitam cada vez mais de orientações. Essa necessidade é tão intensa que muitos elegem o jornalismo como defensor de direitos e se utilizam da atividade para cobrar serviços e informações que fazem parte do cotidiano. É a partir dessa premissa que se forma o jornalismo de serviço. Segundo Chaparro (1998), as práticas desse tipo de jornalismo

São formas adequadas de mediação para solicitações concretas da vida urbana, nos planos do negócio, da cultura, do consumo, do lazer, do acesso a bens e serviços, na ordenação de preferências e movimentos, nas estratégias e táticas da sobrevivências. As espécies utilitárias deixaram de ser manifestações secundárias no relato da actualidade. (CHAPARRO, 1998, p. 115-116)

Em termos práticos, o jornalismo de serviço funciona através de pautas que orientam a população no cotidiano e na tomada de decisões, seja numa reportagem sobre uma campanha de vacinação, seja através de uma reclamação de buracos na rua, falta de saneamento ou na indicação dos melhores preços de bacalhau para a Semana Santa.

No entanto, apesar de ajudarem o público, essas orientações do jornalismo de serviço, por muitas vezes, acabam se tornando um problema. Os jornais assumem a linha de orientar a população, mas isso nem sempre é feito de uma forma realmente eficaz.



Esse jornalismo muitas vezes apenas “serve” à comunidade sem refletir, de fato, o cerne das questões. Isso quer dizer que, geralmente, não existe profundidade nas discussões promovidas para acabar com os verdadeiros causadores dos dramas vividos pelas comunidades.

Muitos ouvintes, leitores e telespectadores acabam fazendo sua reclamação aos meios de comunicação antes mesmo de expô-la ao órgão competente, o que denota uma distorção da finalidade da prestação de serviços. Assim, certos jornais, programas de rádio e TV extrapolam os limites de tipo de jornalismo, passando a adotar práticas assistencialistas. Acabam utilizando-se, erroneamente, do termo “prestação de serviço” para definir seu trabalho, quando, na verdade, estão enveredando para o caminho do assistencialismo. Segundo Bernardes (2004), essas práticas de assistência à comunidade garantem mais força e poder ao jornal.

O assistencialismo presente nos discursos populistas e que se manifesta através de diversas formas de auxílio e caridade é uma constante no imaginário do jornalismo associado à defesa da sociedade. Por causa dele, os jornais assumem a função estratégica de alternativa ao Poder Público na resolução de problemas para grandes parcelas da população. Além de fiscalizar a atuação dos poderes Legislativo, Executivo ou Judiciário, o jornalismo acaba resolvendo os problemas que os demais poderes não resolveram. Não por outra razão, a Imprensa aparece em várias pesquisas como uma das instituições com maior credibilidade em nosso país. (BERNARDES, 2004, p. 7)

Além da questão do aumento da credibilidade da imprensa, outro problema do assistencialismo dentro do jornalismo é que, muitas vezes, a preocupação dos meios de comunicação não é de melhorar as condições de vida da comunidade ou orientar sobre como proceder em determinadas situações. Algumas vezes, busca-se apenas resolver um problema emergencial que, no momento, afeta determinado a um indivíduo ou uma família, em particular. A ajuda é feita de forma direcionada, sendo, na maioria das vezes, paliativa, e isso acaba sendo um dos grandes problemas desse tipo jornalístico.

## **5. Jornalismo de serviço no CE-TV (1ª Edição)**

No caso do CE-TV (1ª Edição), as características do jornalismo de serviço e do assistencialismo, a priori, estão aglutinadas, visto que, na quinzena em que o jornal foi analisado, foi possível assistir a pautas sobre diversos assuntos: realização de cursos, concursos, palestras, matrículas, shows, teatro, feiras; situação de ruas, avenidas,

semáforos e trânsito; coberturas das partidas de futebol, coberturas políticas, de greves; movimento das estradas e vias públicas; campanhas etc.

Como já foi mencionado, o CE-TV entrou no horário do antigo carro-chefe da emissora, o Jornal do Meio Dia, e faz parte de uma política de padronização da Rede Globo, que modificou o nome da maioria dos jornais de suas emissoras afiliadas para o mesmo padrão: “Sigla do Estado” sucedida pelo termo “TV”. Com isso, o antigo jornal ganhou novo nome, cenário e um novo apresentador: o jornalista Luiz Esteves, que passou a fazer companhia à Danielly Portela (veja Figura 1).



Figura 1: Danielly Portela e Luiz Esteves no CE-TV (1ª Edição)

Na última edição do Jornal do Meio Dia, no dia 27 de fevereiro de 2009, a produção do informativo fez um especial preparando o telespectador para o CE-TV (1ª Edição), que estrearia no dia 02 de março de 2009<sup>5</sup>. A apresentadora Danielly Portela entrevistou, ao vivo, quem fazia a produção do jornal para saber o que o informativo teria de novidade. No anúncio das atividades do CE-TV, Paulo Nóbrega, à época chefe de redação do jornal, disse que “o mais importante de tudo é que o jornal [CE-TV – 1ª Edição] traga informação e cada vez com mais presença dentro da comunidade”<sup>6</sup>, destacando assim o caráter de serviço assimilado pela nova linha editorial.

As formas com que essa proximidade entre o jornal e a população seriam efetivadas foram explicitadas em entrevista com editor-chefe do CE-TV (1ª Edição), Valciney

<sup>5</sup> Esta última edição do Jornal do Meio Dia está disponível no YouTube, através do endereço <http://www.youtube.com/watch?v=TIXrzqyPmJs>. As declarações subsequentes foram retiradas desta edição do jornal.

<sup>6</sup> Essa declaração consta na última edição do Jornal do Meio Dia, que está disponível no YouTube, através do endereço <http://www.youtube.com/watch?v=TIXrzqyPmJs>.



Freire: “além do contato direto com a comunidade, a gente não pode deixar de mostrar a questão da saúde. A gente vai dar dicas à população de como se cuidar”<sup>5</sup>. As palavras de Freire refletem a definição de Temer (2003) sobre jornalismo de serviço.

Jornalismo de Serviço é aquele que vai além da simples divulgação da informação e se preocupa em mostrar/demonstrar fatos e ações que a curto, médio ou mesmo longos prazos, vão contribuir para melhores condições de vida do receptor. Informações que o tornem mais saudável, mas apto a administrar o próprio tempo ou dinheiro. (TEMER, 2003, p.101)

Segundo a autora, o jornalismo voltado para prestação de serviços tem o caráter orientador ou indicador, que se preocupa com a formação de comportamentos do telespectador. No CE-TV (1ª Edição), além das matérias de caráter utilitário, também é possível notar três grandes exemplos do jornalismo de serviço: o quadro “Meu Bairro na TV”, o “Alô Redação” e a “Ação Verdes Mares”, implementada não só pelo jornal mas também por toda a TV Verdes Mares .

No caso do “Meu Bairro na TV”, o objetivo é levar o jornal para ser apresentado nas ruas de cada bairro de Fortaleza. O apresentador Luiz Esteves apresenta o jornal “a céu aberto” enquanto Daniely Portela fica em estúdio. Na amostra das edições selecionadas, foi possível observar a cobertura de seis bairros de Fortaleza: Benfica (08/06/10), Siqueira (10/06/10), Jardim das Oliveiras (12/06/10), Dionísio Torres (15/06/10), Jôquei Clube (17/06/10) e Conjunto Esperança (19/06/10)<sup>7</sup>. Com o “Meu Bairro na TV”, o jornal propõe-se a, além de visitar os bairros de Fortaleza, também expor os problemas dos moradores na tentativa de resolvê-los e informar sobre a cultura e convivência da comunidade.

O Siqueira, por exemplo, foi tema do “Meu Bairro na TV” na edição de 10 de junho de 2010. O jornal ressaltou que o bairro é formado por muitas comunidades e por ruas calmas e sem muita movimentação, mas desprovidas de infra-estrutura. O CE-TV atendeu a reclamações de alguns moradores, que estavam descontentes com o atraso das obras no bairro e com a demora das melhorias nas vias públicas. Os repórteres entrevistaram os próprios moradores do bairro, tornando públicas suas reivindicações.

Na mesma edição, o atual secretário da Regional V de Fortaleza, Recio Araújo, também foi entrevistado para que este pudesse explicar os problemas e garantir prazos

---

<sup>7</sup> As edições elencadas do quadro “Meu Bairro na TV” estão disponíveis no site da TV Verdes Mares, através do endereço <http://tvverdesmares.com.br/tag/meu-bairro-na-tv/>.



para o início das obras nas ruas. Um caso semelhante aconteceu na edição de 19 de junho de 2010, quando o bairro em destaque foi o Conjunto Esperança, onde os moradores reclamavam do risco de acidentes devido à construção de um viaduto no local. A obra teria aumentado o fluxo de carros, mas, segundo a reportagem, não possuía sinais de trânsito. Mais uma vez, o jornal entrou em contato com as autoridades responsáveis pela solução do problema, no caso, a Autarquia Municipal de Trânsito.

Nos dois casos, Siqueira e Conjunto Esperança, assim como nos outros quatro bairros selecionados para a amostra desse trabalho, foi possível perceber que o CE-TV (1ª Edição) colocou-se como um catalisador para a solução dos problemas, cobrando do secretário, no caso do Siqueira, e da Autarquia Municipal de Trânsito, no caso do Conjunto Esperança, alguma resolução para as situações destacadas.

Esse “pedestal” de serviço em que o jornal se coloca acaba fazendo com que o público veja no CE-TV (1ª Edição) uma espécie de autoridade ou instituição eficaz para solução de problemas, transferindo o dever de cobrança dos direitos para o jornal e não para o próprio cidadão. Nesse sentido, o serviço se mistura ao assistencialismo, quando os meios de comunicação procuram resolver as questões à medida que elas vão aparecendo. Em vez de ensinar como se resolve o problema, o jornal apenas tenta solucioná-lo e, com isso, como explicita Rangel (1986), o veículo ganha mais voz.

O leitor reclama do buraco na rua que nunca é fechado, esbraveja conta a falta de atenção de um funcionário do Inamps, reivindica o pagamento atrasado da aposentadoria, quer mais “catchup” no sanduíche do McDonald’s. A publicação transforma uma pequena causa em uma questão importante. Amplia e multiplica a voz que se queixa, pressiona o órgão público e a iniciativa privada a revolverem a pendência, encaminha a solução para o reclamante. Ele se sente mais forte como cidadão e respeitado pelo jornal que elegeu para si. (RANGEL, 1986)

É possível perceber essa mistura de serviço e assistencialismo numa outra mudança empreendida pelo CE-TV (1ª Edição): a de ajudar a localizar pessoas desaparecidas. Na edição especial preparatória para a estreia do novo informativo, o editor-chefe do Valciney Freire anunciou que o jornal dará assistência a seu público. “Também vai ter quadro de pessoas que estão desaparecidas, já que a gente vê muito o apelo de pessoas que não veem um parente no interior ou num outro estado. (...) A gente vai tentar localizar essas pessoas, para fazer essa família feliz”<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Essa declaração consta na última edição do Jornal do Meio Dia, que está disponível no YouTube, através do endereço <http://www.youtube.com/watch?v=TLXrzqyPmJs>.



Além disso, Freire anunciou uma iniciativa conjunta do CE-TV (1ª Edição) com a própria emissora TV Verdes Mares: o quadro “Ação Verdes Mares”, que entrou em atividade no dia 07 de março de 2009 e já está em seu segundo ano, com 14 ações no total. “Vai ser um jornal especial. A gente vai está naquele bairro, vai ter uma prestação de serviço: você vai emitir carteira [de trabalho], fazer exames de saúde, tudo o que você precisa vai estar nessa ação global”<sup>9</sup>.

A iniciativa consiste num evento itinerante de prestação de serviços, realizado em parceria com órgãos públicos, que atende às comunidades, com assistência nas áreas de saúde, educação e cidadania, como atendimento jurídico; emissão de documentos; palestras educativas; aferição de pressão; vacinação; corte de cabelo, dentre outros. Cada “Ação” é realizada em um bairro de Fortaleza, sempre aos sábados, quando o CE-TV faz uma edição especial divulgando os serviços que são oferecidos no evento.

As edições mais recentes da “Ação Verdes Mares”, que fazem parte do recorte selecionado para este trabalho, aconteceram nos dias 22 de maio de 2010, no Eusébio, e 10 de julho de 2010, no bairro Antônio Bezerra<sup>10</sup>. Nas duas edições, os moradores das comunidades puderam aproveitar um dia de massagem, corte de cabelo, atividades recreativas e serviços de emissão de documentos. É possível observar, então, que a “Ação” consiste numa prática que agrega serviço e assistencialismo promovidos pelo telejornal CE-TV (1ª edição) e pela emissora TV Verdes Mares para a população.

Além desses quadros, o jornal em questão também disponibiliza um canal de comunicação para sugestões de pautas e reclamações, chamado “Alô Redação”, uma clara iniciativa de aproximação com a comunidade. Pelo telefone, cidadãos cearenses podem fazer suas reivindicações, anunciar a realização de alguma campanha, palestra, reclamar de buracos nas ruas, má sinalização, enfim, utilizar os serviços prestados pelo jornal.

## **Conclusão**

Este artigo apresentou um estudo de caso sobre o telejornal CE-TV (1ª Edição), exibido pela TV Verdes Mares, emissora afiliada à Rede Globo. Através da análise das

---

<sup>9</sup> Essa declaração consta na última edição do Jornal do Meio Dia, que está disponível no YouTube, através do endereço <http://www.youtube.com/watch?v=TIxRzqyPmJs>.

<sup>10</sup> As edições elencadas da iniciativa “Ação Verdes Mares” estão disponíveis no site da TV Verdes Mares, através do endereço <http://tvverdesmares.com.br/tag/acao-verdes-mares/>



matérias da amostra selecionada, juntamente com o quadro “Meu Bairro na TV” e o serviço “Alô Redação”, pode-se perceber uma clara predominância do jornalismo utilitário, operacional ou de serviço na linha editorial do jornal CE-TV (1ª Edição). Isto porque o jornal possui uma linguagem mais “conversada” e acessível, além de ter a intenção – explicitada pelos seus produtores e editores – de chegar mais próximo à comunidade.

Pode-se observar também as características assistencialistas presentes no telejornal, no que diz respeito à ajuda na procura por pessoas desaparecidas e na “Ação Verdes Mares”. O que acontece, nesse caso, é um assistencialismo moldado ao serviço, denotando um caráter bem definido de jornalismo utilitário. No entanto, é importante destacar que existe apenas uma predominância e não uma total dominância do jornalismo de serviço ou utilitário dentro do jornal em questão. Na quinzena em que o informativo foi analisado, também houve matérias de política e economia que não se encaixavam no perfil de serviço.

É necessário deixar claro também que existem discordâncias quanto ao termo “jornalismo de serviço”, pois suas características, muitas vezes, são vistas como intrínsecas da própria atividade jornalística em si. O termo, pois, é tido como uma redundância, já que o jornalismo em sua essência já tem o propósito de prestar serviço à sociedade.

Mas, mesmo com tais discordâncias quanto à terminologia, não podemos deixar de ressaltar que esse tipo de jornalismo é uma constante na sociedade brasileira, principalmente no que se refere aos telejornais locais, que tem uma possibilidade mais efetiva na aproximação com a comunidade do que os telejornais nacionais, visto que estes geralmente possuem pautas mais distantes do cotidiano.

Sendo assim, vale ressaltar que este artigo não tem a pretensão de julgar de forma exata o quanto o jornalismo de serviço ou utilitário cresceu nos últimos anos, mas, através da análise do CE-TV (1ª edição), a pesquisa pretende destacar a importância desse tipo de jornalismo para a sociedade, que, numa era de consumo e informação, tem a necessidade de ser orientada.

## **Referências Bibliográficas**

BELTRÃO, Luiz. **Teoria e Prática do Jornalismo**. Cátedra Unesco Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. Edições Omnia, 2006.



BERNARDES, Cristiane Brum. **Utilidade e sentido prático como valores noticiosos constituintes do jornalismo popular massivo.** Bahia: II Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2004.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar:** percursos e gêneros do Jornalismo português e brasileiro. Santarém: Jortejo, 1998.

FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. **O jornalismo no conglomerado de mídia: Reestruturação reprodutiva sob capitalismo global.** Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2005. Disponível em <[http://ged1.capes.gov.br/CapesProcessos/918872-ARQ/918872\\_5.PDF](http://ged1.capes.gov.br/CapesProcessos/918872-ARQ/918872_5.PDF)>. Acesso em: 28 de junho.

KLÖCKNER, Luciano; BRAGANÇA, Maria Alice. **Radiojornalismo de serviço: AM e FM em tempos de internet.** In: MOREIRA, Sônia Virgínia; DEL BIANCO, Nélia R. (orgs.). **Desafios do rádio no século 21.** São Paulo: INTERCOM; Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais & ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. Organizadoras: Angela Paiva Dionísio, Anna Rachel Machado e Maria Auxiliadora Bezerra.

MELO, José Marques de. **A opinião no Jornalismo Brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1985.

MELO, José Marques. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro.** Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003a.

MELO, José Marques. **Gêneros de Comunicação Massiva.** São Bernardo do Campo: Metodista, 2007. [Notas de Aula]

RANGEL, Renata. **Mais “catchup” para o leitor.** In: SEMINÁRIO DE JORNALISMO. São Paulo: Folha de S.Paulo, 1986. p. 91-96.

TEMER, Ana Carolina Pessoa. **Notícias & Serviços: nos telejornais da Rede Globo.** 2001. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo.